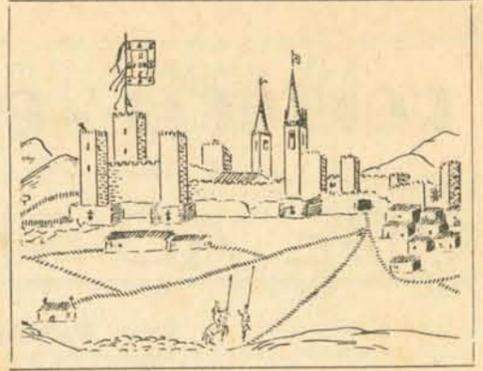


Correio de Misa

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO



REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DOS COMBATENTES DA 1.ª GUERRA, N.º 1-B-1.º	Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO	COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE
--	---	---

Um Testemunho

Na resposta com que rebateu, e de maneira impressionante, perante o Conselho de Segurança da O. N. U., as acusações da Libéria, Serra Leão, Tunísia e Madagáscar, a nossa política ultramarina, o Dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros e Chefe da Delegação Portuguesa ao areopago de Nova Iorque, evocou a certa altura o testemunho do jornalista inglês Hugh Kay que, em 22 de Fevereiro de 1963 escreveu:

«E um facto que alguns trabalhadores especializados africanos ganham mais do que os brancos. Nas áreas agrícolas, muitos pequenos fazendeiros africanos podem obter maiores rendimentos do que os brancos. Um professor africano em Moçambique pode ganhar mais que um professor branco na Metrópole.

A barragem de Cambambe em Angola é a segunda em toda a África e constitui um dos projectos hidro-eléctricos mais impressionantes do mundo. Um excelente exemplo é o modo como os Portugueses eliminam a lepra, a varíola e a praga mortífera da doença do sono.

Os seus êxitos nesse campo contam-se entre os melhores do mundo, de acordo com os dados da Organi-

zação Mundial de Saúde. Enquanto a taxa médica africana de mortalidade é em média superior a 25 por cento, em Angola é somente de 12 por cento».

E o jornalista inglês acrescenta:

«Testemunhando agora o surto de um ideal multiracial numa cidade como Carmona, onde os civis sustentaram em 1961 um assalto terrorista, apenas com 18 soldados, um colega americano disse: «Que Deus tenha compaixão de quem tentar destruir isto».

Este é de facto o Ultramar Português que dois estrangeiros incontestavelmente insuspeitos souberam olhar com olhos de ver, imparcialmente, em inteira e plena verdade, uma verdade que os países africanos e também as altas esferas da O. N. U. se negam a querer verificar, por mais que nós insistamos em lealmente lho querer mostrar.

O Portugal Africano é no continente negro um caso ímpar de progresso e bem-estar, em que muito podiam aprender os novos países que, imaturamente chegados a uma independência para que não estavam preparados, se não cansam, fechando os olhos às realidades, de nos fazer acusações que aliás, quando chamados «à pedra», jamais conseguem provar.

Na senda do Bem



Consta-nos que está a ensaiar-se um grupo de jovens nisenses, para espectáculo de teatro, a favor da Igreja.

Deus os inspire nesta obra de renovação espiritual, de que o Rev. Vigário, Sr. Padre Lopo, é o principal entusiasta.

Este número foi visado pela Censura

UM ANO DEPOIS



Agradecemos todas as saudações que nos foram endereçadas, pelo aniversário do jornal, que hoje entra no segundo ano de publicação.

"Si Deus pro nobis, quis contra nos"?

GIL VICENTE NUM RELÂMPAGO

(1465 (?) — 1965)

V

Pelo Dr. Cruz Malpique

Os famosos painéis de Nuno Gonçalves estiveram, durante longos anos, ocultos sob o lixo do tempo e da indiferença.

Identificados por José de Figueiredo, e restaurados por Luciano Freire, são, hoje, festa para olhos enamorados da beleza pictórica. Também os autos vicentinos, só a bem dizer no nosso tempo, depois das horas gloriosas em que o seu autor os escreveu, encenou e com outras personagens os representou, é que recomencaram a sua lição de beleza. Gil Vicente, com Nuno Gonçalves nasceu, morreu, e é como se tivesse ressuscitado no nosso tempo.

Gil Vicente foi homem do Povo pela origem, mas também o foi — por direito do talento — homem do Paço, do Paço que ele frequentou como actor e autor.

Foi poeta palaciano, no sentido de ter representado largamente para o Paço. Na designação, porém, de poeta palaciano não vai, quase nunca, qualquer coisa de pejorativo. Aqui e além, valha a verdade, teve palavras amáveis para os seus senhores, nunca, porém, caiu no servilismo de causar nojo ou asco aos leitores. Seria, na verdade, muito difícil evitar uma que outra palavra de adulação a quem tão ostensivamente protegia a sua arte. Não nos consta que jamais os protegidos tenham deitado baratas na sopa dos seus Mecenas. Humaníssima a atitude de reconhecimento, nessas circunstâncias. De reco-

nhecimento — e não de feia ingratitude.

Difícil, em todo o caso, fugir à lisonja daqueles que o protegiam. E assim é que Gil Vicente, na altura em que D. João III foi proclamado rei, não se tem que não lhe chame «príncipe angelical». E fazendo-lhe o retrato físico, dá-lhe o «rostro tão fermoso / que parece devinal»; quanto aos olhos, «resplandeciam / como estrelas sem igual»; no respeitante aos cabelos da cabeça / de ouro eram que não de al»; da boca, diz ser «graciosa / com ar mui angelical»; tudo isso a par de «um sembrante soberano / um olhar imperial». Ao caminhar pela Rua Nova, segue «com tanta graça e lindeza / que não parece humanal».

Pois que havia de o poeta dizer do novo rei — rei morto, rei posto! — senão maravilhas? O *per olein' texte sans metre glose* — a verdade nua e crua — essa estaria reservada para aquelas personagens das quais ele nada tinha a esperar, nem bem, nem mal.

Se, aqui e além, no seu teatro, Gil Vicente foi a cortesia em pessoa, foi, também, noutros casos, o mais satírico dos espíritos, pondo o dedo implacável em todos os poderes, não se furtando a chamar às coisas pelos seus nomes.

Se, no teatro vicentino, não faltam arroubos de mais cáldo e fino lirismo, com o que deu provas de apuradíssima sensibilidade, também aí não faltam passos de uma atroz grosseria, empregando linguagem regateiral, dicionário de viciado, sem resguardos auditivos de qualquer espécie. Todo o calão popular respira e transpira na boca de algumas das suas personagens. Não pensou — por amor da verdade — em termos aseados ou bacteriológicamente puros.

QUEM NÃO ESQUECE



Ha vinte anos, por uma tarde escaldante de Julho, enquanto trabalhávamos nos projectos do Jornal, alguém assoma ao postigo da Redacção.

Cá fora, o calor era insuportável; e nós, que tínhamos atravessado o Rossio, onde as árvores eram, como hoje, simplesmente decorativas, gosávamos as delícias duma fresca paradisíaca, à sombra das velhas torres da Matriz, acompanhados de uma corada bilha de Estremoz, em que a água tiuha, com o barro, voluptuosidades estranhas dos velhos contos tradicionais.

Sem vintém, pobres como agora, éramos reis, na imaginação e na frescura, naquela tarde já longínqua e escaldante de Julho...

Mas Deus reparte quanto criou, por igual, aos filhos seus!

Ali, na pobre quintanda, sózinhos, no silêncio e na sombra, sabíamos que Deus estava conosco, sem acções da Hidro, sem ainda termos visto o nosso rico dinheirinho abalar para o Consórcio Laineiro de Portugal..., de que, até agora, «não ha novas nem mandados». Ai de nós!

Éramos felizes, na desolação e no silêncio. E felizes somos hoje, embora sem vintém, no recordar de tempos idos, no desfiar de outras saudades. E, entretanto... José Francisco Figueiredo assoma ao postigo, levanta o loquete da porta, entra, escaldante, a suar, limpando o rosto e lança-se para a primeira cadeira emprestada, respirando fundo, ofegante, quasi sem poder falar. — Então, «isso» vai, ou não vai! — «Ça marche»! Descanse, Sr. Professor! Encosta-se à mesa, resfolgante. Ajeita mais a cadeira, respira fundo.

(Continua na página 4)

Santa Dei Genitrix

por Fr. Agostinho da Cruz

*Virgem fermosa que do sol vestida,
de luzentes estrelas coroada,
do sol supremo fostes tão presada,
que em vós trouxe sua luz e nossa vida.*

*Virgem do alto esposo recebida,
tanto mais humil, quanto mais alçada,
só vós pera o Creador fostes creada,
só vós entre as humanas escolhida.*

*Qual sahe a aurora, que trazendo o dia,
o céu esmalta de púrpura e d'ouro,
e as negras nuvens fogem d'improviso:*

*tal vós, estrela clara e nossa guia,
trazendo à terra vosso alto thesouro
convertestes o pranto d'Eva em riso.*

PORTUGAL - BRASIL

ODE AO TRIGO

Por Pániagua Sanchez

Olha que mar tão lindo! Que ondular!...
Que serena e tão meiga formosura!...
Repara como o vento com brandura
Vai embalando as ondas deste mar.

Que diferença do outro!... Sem bravura...
Não se ouvem as ondas rebentar.

Nem se nota ambição de nos tragar
Como no bravo mar da desventura.

Olha que mar tão lindo! Que beleza!...
Sem ser azul, é oiro, é só riqueza!...
E' regaço de bens que dão prazer...

São espigas de trigo a baloiçar,
Cheias de bagos d'oiro, que hão-de dar
O pão que Deus nos deu para viver.

Pó dos Arquivos

CONFIDÊNCIAS

III

Encontrei-me só no marulhar incessante do infortúnio; e hoje ela vive no meu pensamento como uma recordação dolorosa.

Sobre a minha frente está gravada a indiferença; mas, quem sabe que revoluções agitam o seio do oceano, mesmo quando lambe preguiçosamente a areia da praia?

Mas, quem sabe que borbulhar ingente há no lago, ainda quando a sua superfície é lisa?

(De « Niza em Férias »)

(Conclusão)

DE CAPA E BATINA

Por certa ocasião, organizou o Conde de Monsaraz uma caçada nos campos de Reguengos. O Doutor Assis, que havia sido convidado e que era mau caçador, não se dera sequer ao trabalho de carregar a arma.

De repente, porém, surge em frente da caravana uma lebre espantada, fugindo a sete pés pela campina fora.

Assis não se conteve; põe a espingarda à cara e faz pontaria.

— Olhe que não está carregada... observa o Doutor Fernandes Vaz, que era um dos dois amigos que o acompanhavam. E Assis dando ao gatilho:

— Ora, bem sabe lá a lebre se está carregada ou não!...

CASA DO ALENTEJO

Bodo aos Alentejanos

necessitados

A quadra do Natal é a data mais festiva do ano. É uma quadra de ternura, de amor e de fraternidade.

A Comissão de Senhoras Pró-Beneficência da Casa do Alentejo está desenvolvendo, desde há tempos, uma intensa actividade no sentido de ser distribuído, no dia 19 de Dezembro, um bodo aos alentejanos necessitados. Para que esse bodo atinja proporções superiores às dos anos anteriores, a Comissão apela para todas as pessoas de boa vontade, para que lhe enviem roupas, novas ou usadas; géneros alimentícios, objectos de uso pessoal e doméstico, brinquedos, bolos, doces, e donativos em dinheiro.

As ofertas devem ser enviadas à Casa do Alentejo, Rua das Portas de Santo Antão, 58 = Lisboa-2

Sentenças de Outra

A vaidade perde mais mulheres que o amor.

A língua das mulheres é a sua espada, e é por isso que a não deixam criar ferrugem.

Não há coisa tão amável como um homem sedutor; mas nada há mais odioso do que um sedutor.

ESTATUTOS DO Asilo de Nossa Senhora da Graça

Art.º 1.º — Em cumprimento da vontade expressa dos falecidos Doutor José Joaquim Lopes Tavares e de sua filha D. Palmira Fialho Ferro Lopes Tavares Lobo da Silveira, é fundada na vila de Nisa pelo seu sucessor genro e viuvo Dom António Lobo da Silveira, uma instituição de beneficência, a qual por deliberação do fundador, se denominará:

ASILO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

— Fundação Lopes Tavares —

Art.º 2.º — Tal instituição tem a sua sede na vila de Nisa, no prédio urbano, com a sua capela própria e com todos os seus jardins, quintais, parque e mais dependências, situado na Praça do Município e o qual para tal fim se encontra já devidamente adaptado, tudo de harmonia com a vontade da sua antiga e falecida proprietária Dona Palmira Fialho Ferro Lopes Tavares Lobo da Silveira; tal prédio também tem entrada pela rua do Capitão Vaz Monteiro (antigo Canto de S. Pedro) e está descrito na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 2.958, a folhas 79 do respectivo livro B 9 Nisa e está inscrito na respectiva matriz predial da freguesia de Nossa Senhora da Graça do Concelho de Nisa.

Art.º 3.º — A mesma instituição de assistência, criada e instalada em cumprimento das referidas vontades, tem em vista perpetuar a memória do Dr. António Bebiano Biscaia Hortas e de sua mulher D. Catarina Mouzinho de Vasconcelos que o povo de Nisa sempre considerou seus benfeitores e destina-se principalmente, a funcionar como casa de repouso e a, para isso, recolher, confortar e sustentar velhinhos indigentes e pobres de ambos os sexos que sejam naturais da dita vila de Nisa, de harmonia e com a observância da doutrina e moral católicas.

§ 1.º — No caso dos recursos económicos e financeiros do Asilo o permitirem, poderão, também nele ser recolhidos e sustentados velhinhos indigentes e pobres dos outros lugares do concelho de Nisa e, além disso, se para tanto ainda chegarem aqueles recursos, inválidos indigentes ou pobres mesmo que não sejam de avançada

idade, que sejam naturais de qualquer parte do mesmo concelho.

§ 2.º — Desde que a situação económica e financeira da Fundação o permita, sem prejuízo da realização do seu fim principal poderão ainda, ser criados e instalados, na sede da Fundação ou noutro local adequado, quaisquer outros serviços de assistência social, especialmente de protecção à infância, adolescência e maternidade, tais como cheches, lactários e patronatos.

Art.º 4.º — Consideram-se expressamente afectadas aos serviços da Fundação:

a) — Os bens e valores que pelo fundador lhe vieram a ser doados ou deixados em cumprimento da vontade expressa do referido Dr. José Joaquim Lopes Tavares;

b) — O prédio urbano referido no anterior artigo 2.º e os bens móveis que nele se encontram, de reconhecida utilidade para a Fundação, o que lhe vai ser doado pelo fundador;

c) — Quaisquer outros bens que vierem a ser doados, legados ou deixados, quer pelo fundador, quer por outras pessoas;

d) — Os bens e valores que resultarem da alienação daqueles a que se referem as três alíneas precedentes ou da capitalização dos seus rendimentos que não forem absorvidos pela despesa normal da instituição;

e) — As esmolas, donativos, subsídios e produto de peditórios e festividades;

f) — Os subsídios de cooperação e os subsídios eventuais das autarquias locais e do Estado;

g) — Os rendimentos dos bens próprios;

h) — Quaisquer outros bens, valores ou rendimentos legitimamente adquiridos e que por determinação particular ou legal assim devam ser considerados;

§ único — Os bens imobiliários adquiridos pela Fundação quer a título gratuito quer a título oneroso, serão tanto quanto a lei o permita, ilalienáveis, desde que os respectivos doadores ou testadores não hajam determinado o contrário.

Art.º 5.º — A administração da Fundação incumbe a uma direcção de cinco membros constituída pelo Provedor da Santa Casa da Mi-

sericórdia de Nisa, o Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Nisa, o Pároco da Freguesia de Nossa Senhora da Graça, Matriz da Vila de Nisa, e por dois indivíduos de reconhecida probidade, dos quais um proprietário rural indicado pelo Grémio da Lavoura de Nisa e o outro um trabalhador rural indicado pela Casa do Povo de Nisa.

§ 1.º — A Direcção escolherá entre os seus membros, o presidente, o secretário e o tesoureiro.

§ 2.º — Os membros da direcção serão substituídos, nos seus impedimentos, pelos seus respectivos substitutos legais.

§ 3.º — Enquanto for vivo o fundador, também ele fará parte da direcção, que assim será constituída, até à morte do fundador, por seis membros.

§ 4.º — Quando se dê qualquer vaga dentro da direcção, essa será preenchida por escolha dos seus restantes membros.

Art.º 6.º — Os membros da direcção exercerão as suas funções gratuitamente.

Art.º 7.º — A fundação sujeitar-se-á à orientação e às normas técnicas que lhe forem indicadas pelas instâncias tutelares superiores e velará pelo bom cumprimento de tudo o que estiver legalmente estabelecido acerca do funcionamento de instituições da mesma natureza.

Art.º 8.º — À direcção compete:

1.º — Fixar o número e as datas das suas reuniões ordinárias;

2.º — Representar a fundação perante o Governo, autoridades, repartições públicas, tribunais e demais entidades oficiais e particulares.

3.º — Administrar os seus fundos e praticar todos os actos e contractos necessários ao exercício da respectiva administração.

4.º — Cobrar receitas, pagar despesas e aplicar convenientemente os bens e rendimentos da fundação.

5.º — Fixar, de harmonia com a previsão das receitas, o número de asilados e assistidos a socorrer;

6.º — Criar e instalar as obras e serviços sociais anexos previstos no § 2.º do Art.º 3.º;

7.º — Aceitar heranças, legados e doações e adquirir por qualquer

(Continua na página 3)

NOTAS DE MÚSICA

Por Aníbal Goulão

Vimos há dias na Radio Televisão Portuguesa um programa em que actuava a simpática artista Cidália Meireles. Ouvimo-la também há muitos anos, no início da sua carreira artística. Exibia-se então num conjunto, com as Irmãs.

Um dia, Cidália foi ao Brasil e lá se demorou alguns anos, regressando cheia de saudades do seu Portugal, do seu público, que tanto a admirava e aplaudia.

Voltou agora, com a mesma graça e a mesma simpatia, cheia de vida e arte.

Ouvimo-la cantar fados e outras

canções; e ainda afirmar que deseja levar a efeito uma maior divulgação da música portuguesa. Daqui lhe enviamos os nossos aplausos, pela ideia e ainda pela atitude portuguesíssima que revela na difícil tarefa que vai empreender.

A música ligeira portuguesa é, sem dúvida, a preferida pelo nosso Povo, que tanto se alegra com um «corridinho» do Algarve, como se comove com os trinados duma guitarra.

A música clássica é preferida

(Continua na página 3)

Dr. Rui

Gonçalves

Passou a fazer parte do corpo docente do Externato de Dom Dinis o Sr. Dr. Rui Tello Gonçalves, que já iniciou os seus trabalhos, com muito apazimento dos colegas e discentes.

Aqui lhe apresentamos os nossos cumprimentos.

QUEM CANTA

Não há pão, como o pão branco, nem vinho, como o maduro, nem amor, como o primeiro, sendo ele bem seguro.

GRÉMIO DA LAVOURA DE NISA

Pelo Presidente da Direcção, Dr. Fraústo Basso, foi enviada aos sócios, a seguinte CIRCULAR

Junta Nacional do Vinho — Foram integrados neste Grémio da Lavoura, no passado dia 2 do corrente mês, os serviços da Junta Nacional do Vinho, respeitantes ao n.º concelho.

Por tal motivo, os manifestos de produção e de existência de vinho e seus derivados e os manifestos de produção de figo, passam a ser efectuados neste organismo, e as taxas de \$40 e \$15 devidas, respectivamente, pelos produtores e pelos retalhistas, passam, da mesma forma, a ser pagas neste Grémio.

Manifesto de Cortiça — Termina no próximo dia 31 de Dezembro o prazo para o manifesto das cortiças extraídas no corrente ano.

Os respectivos impressos de manifesto podem ser adquiridos nas Regedorias, neste Grémio da Lavoura e na Junta Nacional da Cortiça, em Lisboa.

Batata de Semente — Os associados interessados na aquisição de batata de semente de origem estrangeira devem fazer as suas inscrições até ao fim do corrente mês.

Seguros — Graças à boa compreensão dos associados a carteira de seguros do Grémio tem aumentado consideravelmente.

No seu próprio interesse, pedimos que, antes de fazer um seguro, procure informações neste Organismo.

Cotas — Por conveniência dos nossos serviços rogamos aos Ex.ºs Associados o favor de mandarem liquidar as suas cotas até ao próximo dia 15 de Dezembro.

Adivinha

Posto que de pó e água, tive humilde nascimento, por virtude minha própria Fiz no ar meu aposento.

Não sou ave, porém vôo; não sou astro, ainda que giro; não sou manjar mas sustento, não sou arma, às vezes firo.

Deus Eterno, inda que oculto, tem na minha casa entrado; e sem mérito algum meu, sua voz tenho escutado.

SOLUÇÃO: NUVEM.

PROFESSOR Dionísio Cebola

Foi nomeado Adjunto da Direcção Escolar do Distrito de Portalegre este Sr. Professor, o que traduz um justo apreço de competência. Felicidades no exercício do seu novo cargo.

Correio de Nisa

Anúncios:

Linha 2\$00 — Permanentes, contrato especial — Não se restituem originais — toda a colaboração é solicitada.

NOTAS DE MÚSICA

(Continuação da página 2)

clássicos.

Temos observado ultimamente que a música portuguesa, através da Radiotelevisão e da Emissora Nacional, está a ser trocada em grande parte pela música estrangeira.

Os jazes com os seus « tchês-tchês », executados por tercetos e quartetos que enxameiam todo o mundo e nos visitam, ferem-nos os tímpanos, com solos de tambor e pandeireta, acompanhados de gestos ridículos, gritos selvagens, com um ritmo musical que não é mais do que a cópia fiel de danças dos batuques, tudo a revelar que a arte e o bom-gosto estão divorciados da maioria destes moderníssimos artistas, que os sectores da divulgação com tanta frequência nos oferecem, para nos « deliciar » com imagens e som.

Na apresentação dos elencos são-lhe tecidos elogios retumbantes que, com algumas excepções, logo ficam desvirtuados, após a sua exibição.

Podemos afirmar que a mocidade de hoje gosta; e, por isso, aguarda com muito interesse o raro programa « Melodias de Sempre » e outros ritmos deste género.

Será desconhecido pelos organizadores dos programas, ou por outros que neles superentendem, este desejo que se manifesta por todo o País?

Recordamo-nos que, pelo ano de 1927 e seguintes, surgiram várias

LIRA POPULAR Saudades de Nisa

Adeus disse à minha Terra de todo o meu coração. Deixei-te em oito de Outubro, por nobre e alta razão.

Razão que todos conhecem soldados do pátrio Lar; é defender o que é nosso, Províncias do Ultramar.

Províncias do Ultramar que sempre nossas serão. Os bandoleiros as querem, mas nunca o conseguirão!

Adeus, meus amados Pais, que nunca me esquecerão! Também eu nunca te esqueço, Pátria do meu coração!

Aí longe, em minha Terra, lá no santo cabecinho, a Padroeira de Nisa anda a guiar meu caminho.

E' bem duro este caminho, quer de noite, quer de dia; mas é preciso segui-lo, com Deus, saúde, alegria!

JOSÉ FIGUEIREDO BICHO

ESTATUTOS

(Continuação da página 2)

título os bens mobiliários e imobiliários que forem necessários à fundação;

8.º — Organizar e alterar o quadro do pessoal permanente e adventício indispensável à execução dos serviços e nomear, suspender e demitir os empregados;

9.º — Elaborar orçamentos, organizar contas e dar aplicação aos saldos da gerência;

10.º — Elaborar regulamentos e praticar todos os mais actos que forem necessários ou convenientes ao bom funcionamento da fundação;

§ único — A direcção pode delegar no seu presidente ou em algum dos seus membros, todas as vezes que o entender conveniente, quaisquer das suas atribuições;

Art.º 9.º — Em especial, compete ao presidente da direcção:

1.º — Presidir às reuniões da direcção e dar execução às suas deliberações;

2.º — Dir'gir todo o serviço da fundação em harmonia com os seus estatutos e regulamentos e com as deliberações da direcção;

3.º — Convocar as reuniões extraordinárias da direcção;

4.º — Assinar a correspondência e os documentos da receita e despesa.

Art.º 10.º — Haverá assistência espiritual e religiosa aos asilados e sempre que tal seja possível, missa aos domingos e dias santos de guarda, na capela privativa do Asilo; e o quadro do pessoal interno de carácter permanente será, de preferência, constituído por religiosas.

Art.º 11.º — No caso da fundação ser extinta, os seus bens reverterão para o Estado que, pela Direcção Geral de Assistência, lhes dará destino tanto, quanto possível conforme a vontade do fundador ou dos respectivos doadores ou testadores.

Estes estatutos foram aprovados por despacho de Sua Excelência o Subsecretário de Estado da Assistência Social, em 2 de Dezembro de 1947, conforme consta do Diário do Governo n.º 287, 2.ª série, de 10 do mesmo mês e ano, e foram alterados por despacho de Sua Excelência o mesmo Subsecretário de Estado, em 3 de Novembro de 1954, conforme consta do Diário do Governo n.º 265, 3.ª série, de 11 do mesmo mês e ano.

Estado das Culturas
(Em 31 de Outubro)

Praticamente choveu durante todo o mês de Outubro, embora com menos intensidade no final da última década. As temperaturas registadas foram sensivelmente iguais às normais, não se tendo observado arrefecimentos nocturnos importantes.

O estado do tempo prejudicou grandemente todos os trabalhos próprios da época, designadamente os respeitantes às colheitas e à preparação das terras destinadas às sementeiras das culturas que agora se iniciam. Nas áreas semeadas anteriormente notam-se boas germinações, dado que a temperatura as favoreceu, mas, nos locais de drenagem mais difícil, os nascimentos apresentam-se irregulares.

A quase continuidade das chuvas obrigou a interromper frequentemente as operações de colheita e debulha de milho e feijão que, por isso, decorreram com muita irregularidade. Calcula-se, em primeira estimativa, que as produções destas culturas em regime de regadio, sejam inferiores às do ano passado em 24% e 25 %, respectivamente. Reportando-nos à média do último decénio as suas produções são inferiores em 11% e 10 %. As produções globais de cada uma destas mesmas culturas representam 66% das do ano anterior. Em relação à média decenal os descrescimos de produção são avaliados, para o milho em 22% e para o feijão em 20%.

Nos arrozais foram muito importantes os estragos causados pelas chuvas caídas durante o mês, não só devido a terem determinado a perda de algum cereal arrastado pela água das cheias, que por vezes recobriam por completo as searas, como também por terem originado a colheita de quantidades importantes com excesso de humidade. Foram frequentes os casos de arroz avariado e palhas perdidas por não ter sido possível efectuar as colheitas e debulhas em boas condições. Em primeira estimativa calcula-se que a produção seja inferior à do ano passado em 17% e à média dos últimos dez anos em 10%.

(Boletim do I. N. E.)

(Continua no próximo número)

Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Nisa

Movimento hospitalar do ano de 1964

	HOMENS							MULHERES							Total geral				
	Q. P.		Cirurgia	Medicina	Pediatria	Infecto-contag.	Recen-nascidos	Total	Q. P.		Cirurgia	Medicina	Maternidade	Pediatria		Infecto-contag.	Recen-nascidos	Piré-peras	Total
	1.ª	2.ª							1.ª	2.ª									
Existiam			1	13	2		2	18			1	3	6	2	1			13	31
Entraram	4	6	143	95	18	5	33	304	4	9	105	117	69	15	3	31	5	358	662
Total	4	6	144	108	20	5	35	322	4	10	108	123	71	16	3	31	5	371	693
Sairam	4	6	140	100	17	4	34	305	4	9	103	110	70	15	3	30	5	350	655
Faleceram			2	5	1	1		9			1	3	7			1		12	21
Total	4	6	142	105	18	5	34	314	4	10	107	117	70	15	3	31	5	362	676
Ficam existindo			2	3	2		1	8			1	6	1	1				9	17

(Dias de Internamento)

TOTAL	14	21	1923	2703	575	48	289	5573	80	94	1833	2809	674	424	21	243	43	6221	11794
-------	----	----	------	------	-----	----	-----	------	----	----	------	------	-----	-----	----	-----	----	------	-------

QUEM NÃO ESQUECE

(Continuação da página 1)

Depois, com delongas de canção, espalma a destra por entre as lapelas do casaco e apresenta-nos o seu primeiro artigo, exclamando: «Aidvinhou; «Ça marche»!...

Estendeu-nos alguns linguados, escritos em bom cursivo, que lemos com duplicado interesse: o do assunto e o do bom português.

Ele tinha uma linguagem tersa, cuidada, segura, a lembrar gramática de Mestre Epifânio.

Lemos.

De começo, fazia conceituosa apresentação da sua querida Nisa, com o mesmo entusiasmo e a mesma ternura com que sempre falava da sua querida família.

E terminava assim: «O progresso, porém, não devia confirmar-se apenas nos limites da matéria. Era necessário levá-lo, vitoriosamente, aos domínios do espírito. E o «Correio de Nisa» não tem outro objectivo».

Eram palavras de um oráculo. Em Delfos, nunca a Pítia traduziu ideias tão exactas.

— Muito bem! Virá logo no primeiro número e na primeira página!

Mas... porque disse que adivinhei?!

— Ora essa! Não leu o título? E' exactamente o que acabou de me dizer: «Ça marche»!

De facto, nós não tínhamos lido o título.

— Extraordinária coincidência!!! Não há para aí uma gota de água fresca? A Maria Antónia tinha-nos trazido a bilha cheia, de manhã, com água fresquíssima da Fonte da Cruz. E ali, ao canto, na frescura do antro, na sombra, cantava nas porosidades do barro, mostrando as suas graças, pedindo que a bebessem.

E o professor dessedentou-se; parou, tornou a beber.

— Boa ideia! Boa ideia, esta, a da bilha!...

EFEMÉRIDES

Em 8 de Dezembro de 1720, D. João V funda a Academia Real da História.

Verdades de Sempre

Em tua casa não tens sardinha, e na alheia pedes galinha.

Meteorologia Popular

Em Dezembro descansar, para em Janeiro trabalhar.

Se queres um bom alhal, planta-o no mês do Natal.

“PAX IN TERRIS”

Com a assistência de muitos fieis, tem-se realizado na Igreja Matriz a novena a Nossa Senhora da Conceição.

Depois, a conversa continuou, falando-se das possibilidades de colaboração, do complexo «modus faciendi», para lançar na circulação, em Nisa, onde ainda havia «feudalismo», um jornal do povo, em que se dissessem verdades como punhos, embora adoçadas pelo «manto diáfano da fantasia»

— Vai ver... Eu tenho apontamentos de muita coisa antiga. Não lhe faltará colaboração. Pode-se até falar de gente de outros tempos, de tipos populares, das muralhas, do pelourinho, da Velha Nisa!

Vai ver! A «coisa» arranja-se! — Muito obrigado! Conto com o Sr. Professor.

— Pode contar. A «coisa» arranja-se!

E assim foi. José Francisco de Figueiredo não mais deixou de nos trazer os seus originais, perfeitos, em bom português, sempre com di-

gnidade, sempre com a mesma ternura pela sua querida Nisa.

Alguns anos passaram.

Um dia, trouxeram-no morto, para cá...

Na igreja do Arrabalde, chorou-se convulsivamente.

E nós o recordamos, também agora, porque era bom, saudoso colaborador, uma alma de eleição.

Ha um ano dizia-nos o nosso bom amigo, Sr. José Vieira da Fonseca, a quem desinteressadamente muito estimamos: «Vai fazer reaparecer o jornal; mas, — veja — o José Francisco vai-lhe fazer muita falta!»

Assim é. Como ele nos ajudaria hoje!

Como ele ainda nos está a ajudar, com a evocação do seu entusiasmo, da sua ternura pelo jornal, idêntica à ternura que sempre mostrou pela sua querida família.

Hoje e sempre, está conosco José Francisco de Figueiredo.

A P Ê L O

(Dum velho nisense a todos os seus conterrâneos de boa vontade, neste primeiro aniversário do “Correio de Nisa”)

Um jornal, é qual facho luminoso, Rasgando as trevas com a sua luz, Quando a Verdade Pura espalha a flux, Com entusiasmo ardente, fervoroso.

No ritmo sempre vário, duvidoso, Desta vida inconstante, ele traduz A Ideia que não morre e nos conduz Por caminho seguro e esplendoroso.

O nosso é humilde, é pobre, é tamanino Isso que importa? E' vasto o seu destino; E' nobre, é transcendente o seu ideal.

Amparemo-lo pois, e que algum dia O nosso amparo, a nossa simpatia, Possam dar-lhe grandeza sem igual!

F. BAGULHO

“Lapsus Calami”

Uma revisão apressada da 1.ª página fez sair SANTA, por «SANCTA», no soneto de Frei Agostinho da Cruz.

Humildemente, muito humildemente, impetramos desculpa aos latinistas do Concelho.

Prof. Jorge Pinto

Quanto à gravura do rio Sado, publicada no número precedente, não se esclareceu que é trabalho artístico deste nosso ilustre colaborador. Aqui fica a verdade.

MIL CONTOS

Emprestam-se em fracções. Nesta Redacção se informa.

CINE-TEATRO

(Filmes para Dezembro)

Dia 8 — O Herói do Regimento (maiores de 12 anos)
Dias 12 e 13 — Cleopatra — 17 anos
Dia 19 — Barrabás — 12 anos
Dia 25 — Búfalo Bill — 12 anos
Dia 26 — O Melhor dos Inimigos (maiores de 12 anos)

Amor de Mãe

Não é mais fundo o mar no Equador, nem é todo este mundo maior do que esse amor.

Mais vasto, largo e extenso todo esse Céu também do que o amor imenso de um coração de mãe.

JOÃO DE DEUS

Celebrando uma Data

No dia 1.º de Dezembro, mandada dizer pela Subdelegação da Mocidade Portuguesa, foi rezada missa por alma dos Patriotas de 1640. Oficiou o nosso Rev. Vigário

A IGREJA MATRIZ DA VILA DE NISA

— Subsídio para a sua História —

Por Fernando Portugal

(Continuação do número anterior)

Interessados, todavia, em relatar o evoluir do edificio da Igreja Matriz, espelho das possibilidades económicas e disponibilidades espirituais dos seus moradores, reservamos para melhor oportunidade o melindroso assunto.

E' crível que no primeiro triténio do séc. XIII — senão antes — já existisse um templo em Nisa, pois não se concebe estruturada uma comunidade cristã sem igreja. Contudo, só aquando da celebração da “Composição dantre a hordé e o bispo da Guarda, sobre as igrejas de Nisa, d’Alpalhã e de Montalvã” (8), datado de “Castelum blancum dum ibi celebrabatur capitulum ipsorum fratrum, xbj Kls. Maii. Era M^a. CCC^a. XX^a. V^a” (1287), se obtem o primeiro testemunho válido.

Mas logo outro, muito próximo no tempo e bastante sugestivo, se nos deparou. Trata-se de uma lista, elaborada em 1320-21, dos rendimentos de todas as igrejas, capelas, comendas e mosteiros (9), os quais importavam para

“A Igreja de Nisa, e a de Alpalhão que são da mesma Ordem (de Cristo), com suas Igrejas e Capelas, em setecentas libras 700 lbs.

O temporal das mesmas Igrejas em trezentas libras 300 lbs.”,

de que o Papa João XXII concedeu a D. Dinis a décima parte.

Estê documento, pela data que o subscreve, veio desfazer as últimas hesitações acerca da localização da igreja de 1287 e da procedência dos vestígios do edificio incorporado na Matriz.

E quase um século transcorre sem mais notícias do templo, mas tão somente de alguns seus vigários. Entretanto, qualquer coisa, fosse terremoto, guerra ou incêndio, veio afectar a estrutura da igreja pois em 1412, Gonçalo Domingues, homem bom de Nisa, deixou em seu testamento esta disposição:

“; mando que digam dez missas rezadas pela alma dos que *aquelas pedras mandarem fazer* que eu trouxe à Igreja de Santa Maria;” (10)

Algo portanto aconteceu. E admitimos que o estado de conservação do templo, ainda e até 1538 — pelo menos —, da invocação de Santa Maria, não deva ter sido dos mais famosos no decurso do séc. XV. O estudo do condicionalismo social quatrocentista, aliado a documentos de interesse local, se aduzidos, viriam confirmar em pleno a inanidade e o despovoamento que tolheu então os principais centros deste concelho.

São ainda desse período as primeiras notícias de visitas das terras e igrejas da Ordem de Cristo. De uma, realizada durante o Mestrado do Infante D. Henrique, em 1443, (11), desconhece-se o paradeiro ou a existência do respectivo tombo, mas, mesmo assim, duas verbas ou cláusulas provenientes de uma “visitação antiga” e cujos informes concernem iniludivelmente tal período, chegaram até os nossos dias, transcritas no Tombo da visitação da vila de Nisa de 1505 (12).

Alude a primeira verba a “huu frey Gonçallo Roiz comendador que ora foy”, o qual tomava, de cada moedura, seis reis pela cevada. Este comendador outro não deve ser senão frei Gonçalo Roiz de Sousa, “do Conselho del-rei D. Afonso V, Comendador de Nisa, Alpalhão e Montalvão na Ordem de Cristo e Capitão-mor dos Ginetes do Reino” (13).

A segunda cláusula refere uma carta do Infante D. Henrique sobre não se trazerem vinhos de fora parte enquanto houvesse em Nisa vinho da Ordem ou dos moradores. Essa carta, endereçada ao “concelho” da vila de Nisa, e hoje seguramente perdida, foi decerto escrita entre 1420 e 1460.

(Continua no próximo número)

HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE NISA

CONSULTA DE OTORRINOLARINGOLOGIA

(Ouvidos, nariz e garganta)

Todas as 2.^{as} e 4.^{as} Quartas-feiras de cada mês, às 9,30 horas

Pelo: Dr. José Joaquim Afonso

de CASTELO BRANCO